

**Local** Navio inglês naufragou ao largo de Vila do Conde no século XIX

# Navio do Norte, um naufrágio sem ouro mas com duas histórias

Até agora associado a um vapor britânico, o *Tiber*, o navio naufragado na costa de Vila Chã, em Vila do Conde, poderá ser afinal um veleiro chamado *Rollo*

**Abel Coentrão**

Ao largo de Vila Chã, em Vila do Conde, a milha e meia da costa, os restos de um navio naufragado, e principalmente aquilo que permanece da sua carga de armamento pesado alimentam a imaginação e a curiosidade de quem mergulha naquele local. Há um quarto de século que se admitia que ali jazia um cargueiro a vapor inglês, o *Tiber*, mas, desde o Verão passado, uma nova corrente de informações, alimentada pela ânsia de Pedro Moço, um mergulhador que ali descobriu uma espingarda, e pela experiência de pesquisa documental de um arqueólogo subaquático, Alexandre Monteiro, levaram este último a sugerir à tutela do património e ao próprio município uma campanha no local que ajude a confirmar se, como acredita, o que ali está é afinal um veleiro, também inglês, chamado *Rollo*.

*Rollo* é um nome que nem constava no rol de navios que os experientes mergulhadores da Submania foram, com a ajuda de pescadores e outras bases de dados, compilando sobre a região em torno de Matosinhos, onde está sediada esta escola de mergulho. Luís Mota, um instrutor experiente, conhece há muito o sítio identificado, misteriosamente, como o *Navio do Norte* e no qual, a pouco mais de 30 metros de profundidade, congros, cardumes de fanecas, navaleiras, polvos e outra fauna marinha convivem com artilharia pesada e ligeira e os restos da embarcação que a transportava.

Grande apaixonado pela história dos navios que visita no fundo do mar, este antigo empregado bancário o avançou com as primeiras pesquisas, condicionadas, nos anos 90, pela dificuldade de acesso à informação, num tempo sem Internet e em que ele

tinha demasiados afazeres e um conhecimento limitado das fontes. Nada que o impedisse, contudo, de escrever à companhia P&O Line (dona do *Tiber*) e ao National Maritime Museum de Greenwich, para tentar chegar mais perto da verdade.

O *puzzle* foi-se compondo, e, mesmo com as muitas peças que lhe faltavam, Luís foi sedimentando a hipótese, sempre provisória e necessitada de melhor investigação, de que aquela poderia ser a última morada do *Tiber*, um pacote de ferro a vapor, com pás de rodas, que há 174 anos, viajava de Gibraltar para Southampton e que rumava para Vigo, último porto de escala antes do destino, quando o mesmo nevoeiro que horas antes o impedira de entrar no Douro o levou, pelas 13h30 do dia 21 de Fevereiro de 1847, a embater num rochedo, a pouca distância da praia de Vila Chã. Meia légua, segundo os relatos oficiais de então, o que corresponde, grosso modo, a milha e meia.

Em pleno dia, o *Tiber* afundou-se rapidamente. Boa parte dos 18 tripulantes e dos 75 passageiros foi salva por pescadores locais, que rapidamente acorreram ao local, mas ainda assim pereceram pelo menos sete pessoas e perdeu-se boa parte da carga composta por “412 caixas de laranjas, 13 caixas de sanguessugas, 61 caixas com ovos, seis barris de vinho, 106 barris e 70 caixas de tâmaras, encomendas e várias caixas com moedas em ouro”, segundo o *Diário do Governo*.

**Um tesouro em ouro? Talvez já não.**

A história das moedas de ouro, mais de 40 quilos, ainda fazia furor entre os achadores de tesouros, em meados dos anos 90 do século passado. Mas o arqueólogo Alexandre Montei-

**E onde está, afinal, o Tiber?**

Navio naufragou há 174 anos na mesma zona

A eventual confirmação de que os destroços existentes no sítio conhecido como Navio do Norte pertencem ao *Rollo* pode vir a resolver um mistério, mas abre imediatamente outro. Se aquele não é o *Tiber*, onde estará, afinal, o *Tiber*? Acerca deste existe informação bastante sobre as suas características — um navio em ferro, de propulsão a vapor com pás e rodas — e as circunstâncias em que naufragou, perto da costa, a 21 de Fevereiro de 1847. Em 2022 completam-se 175 anos sobre este naufrágio, cuja localização exacta continuará assim a ser desconhecida dos arqueólogos portugueses, mas sobre a qual Alexandre Monteiro aponta

algumas pistas, tendo em conta o achamento por Delfim Trancoso, já em 1975, de um sino semelhante a outros usados em vapores daquele tempo.

Talvez algum mergulhador ou pescador até já se tenha cruzado com os seus destroços, sem perceber exactamente o que tinha pela frente. Alexandre Monteiro, ainda à espera de se estrear em mergulhos na costa de Vila do Conde, não se importaria de o descobrir. Mas, para já, quer mesmo é que se possa pôr à prova a sua tese de que, no *Navio do Norte*, não há ouro nem nenhum pacote de ferro, mas sim o que resta de um veleiro de madeira, o *Rollo*, e da sua carga de armamento obsoleto que não chegou ao destino.

ro acredita, pelas informações que recolheu, que essa carga preciosa tenha sido recuperada. Aliás, escreve, em Fevereiro de 1848 vem a público a notícia de que a seguradora Bonança, que “pagara aos seus donos as quantias em dinheiro” perdidas no naufrágio do *Tiber*, iria processar José Carlos Fernandes do Couto, negociante de Lisboa, por este ‘ter feito extrair por um mergulhador grande parte do dinheiro segurado a bordo do vapor inglês’. Quanto dinheiro teria salvado, ainda não sabemos”, afirma.

Com ou sem ouro, nos últimos 25 anos, localmente, entre pescadores, mergulhadores ali guiados por Luís Mota e mesmo entre investigadores de temas náuticos e arqueólogos fixou-se a perspectiva de que o navio do Norte tinha um nome, *Tiber*, tese que foi fazendo o seu caminho na imprensa e na televisão, como aconteceu, no ano passado, num programa da SIC. Mas nem o responsável por esta tese tinha, como explica ao PÚBLICO, a certeza, e a seu lado, outros companheiros da Submania,



como Delfim Trancoso, sentiam que, para além das peças que faltavam no *puzzle*, outras que se conheciam não encaixavam umas nas outras.

“Havia pontos que não batiam certo. Nunca encontrámos a caldeira do *Tiber*, e este era um navio de ferro, enquanto o que temos lá em baixo são umas chapas usadas para forrar navios de madeira”, observa Luís, que entregara ao Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática (CNANS) uma destas peças.

Delfim Trancoso corrobora. Também sentia que ali faltava algo. “Mas para quê contrariar? Não tinha nada para apresentar como alternativa! Não acreditava que fosse o *Tiber*, mas não sabia fazer melhor do que o Luís. Talvez por isso me tenha ‘fanatizado’ no mergulho neste local, pela atracção pelo mistério que para mim sempre me provocou este naufrágio. Sou, juntamente com o Luís, o mergulhador que mais visitou o *Navio do Norte*”, explicou, numa troca de *emails* com o PÚBLICO.

Delfim não era o único hipnotizado por este local. Pedro Moço, um

**Pedro Moço fotografado por Luís Mota em 2020, segundos depois de ter achado uma espingarda no sítio do *Navio do Norte***

“

**“Havia pontos que não batiam certo. Não encontrámos a caldeira do *Tiber* e este era um navio de ferro e o que há lá em baixo são chapas usadas para forrar navios de madeira”**

**Luís Mota**  
Instrutor de mergulho

matosinhense filho de pescadores e formado pela Submania, visitou-o, com Luís Mota, pela primeira vez em 2018. Nesse dia, obteve com essa actividade o certificado de mergulho profundo (a mais de 30 metros), mas, acima de tudo, descobriu uma história incrível que, como uma lapa, se lhe colou no pensamento até hoje. O mergulho nem começou muito bem, pois gastou uma parte importante do oxigénio na descida, mas dos dez minutos que permaneceu no fundo do mar recorda, com vivacidade, o cenário.

### Cardumes entre canhões

“Lá em baixo, imerso numa água esverdeada, e com uma visibilidade que não devia ultrapassar os dois metros, vi umas folhas metálicas, que mais tarde soube serem de cobre ou uma liga de cobre, uma infinidade de bolas maciças todas iguais e ligadas umas às outras e, num vislumbre, aquilo que reconheci de imediato, apesar de estarem muito concrecionados, como sendo dois canhões que me pareceram enormes. Perto destes, um outro canhão, mas curto e largo, que, de acordo com o *briefing* de mergulho, seria uma bombardarda”, escreve este engenheiro, actualmente a trabalhar num país africano.

Pedro Moço só conseguiu voltar a mergulhar neste local no Verão de 2020, depois de meses de confinamento por causa da covid-19. A demora valeu a pena. Numa das vezes, enfeitiçado por um tubarão pata-roxa, acabou por dar de caras com uma espingarda, afastada uns 15 metros dos destroços do navio. Trouxe-a para a superfície, e logo ali decidiram que a entregariam ao CNANS. Mesmo sem balas, a arma atingiu-o no coração. A partir daquele momento não descansaria enquanto não desvendasse o mistério – perdia-se a pensar nisso, no caminho para o trabalho, admite –, mas tinha noção das suas dificuldades e julgou por bem enviar um *email* a um arqueólogo de que ouvira falar. Ao contrário do que esperava, e apesar de estar envolvido em inúmeros projectos, Alexandre Monteiro respondeu-lhe muito rapidamente. E seguiu-se, nos últimos meses, uma acesa troca de *emails*, com documentos e dados já investigados mas a precisar de confrontação e pedidos de nova informação a outros investigadores.

### Parceiros desconhecidos

Sem se conhecerem pessoalmente, Pedro Moço e Alexandre Monteiro formaram uma parceria, a que se juntaram Delfim Trancoso e Luís Mota. “O Alexandre foi a melhor coisa que nos podia ter acontecido. Ele conhece fontes de informação e sabe como aceder a elas. Eu nunca tinha ouvido sequer falar do *Rollo*”, admite Luís, nada desapontado com a volta que a sua história deu, pelo

contrário. Já o arqueólogo confirmou, mais uma vez, o que noutros projectos de investigação, como o do navio quinhentista de Belinho, em Esposende, vincara ao PÚBLICO: a importância do trabalho com as comunidades, e com os mergulhadores, para o conhecimento e preservação do património subaquático – que além de muito desconhecido está desprotegido e a saque.

Em poucos meses, cruzando o que se sabe sobre a peça de metal encontrada – que lhe parece ser Metal de Muntz, uma liga patenteada em 1833 e usada para revestir e proteger o casco de madeira dos navios – e as imagens de batimetria resultantes da colaboração com a SIC e José Pinto, do Laboratório de Sistemas e Tecnologia Subaquática (LSTS) da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, o arqueólogo chegou a uma nova hipótese: estaríamos perante uma embarcação com pelo menos uns 40 metros naufragada após 1833.

### Eliminar hipóteses, até chegar ao *Rollo*

De uma lista de 13 naufrágios ao largo de Vila Chã, eliminou os iates, por serem demasiado pequenos, e também os navios que deram à costa. “Restam-nos o navio alemão *Ceres* (1834) o navio inglês *The Planet* (1841) e a barca inglesa *Rollo* (1876).” Entretanto, descobriram que os dois primeiros também deram à costa e que há apenas um que cumpre todos os requisitos previamente expostos: o da barca inglesa *Rollo*. “Tem a tipologia, a carga, a localização e o tamanho certos”, escreveu na proposta enviada no mês passado à DCPC.

O *Rollo* era uma barca inglesa, que a 18 de Abril de 1876 saíra de Malta para a Grã-Bretanha, carregada com armamento obsoleto que deveria ter sido entregue ao almirantado britânico. Nele viajava uma tripulação de 15 homens e três passageiros: a esposa e dois filhos do capitão, William T. Way. A 23 de Maio de 1876, o veleiro já tivera problemas, ao encalhar num banco de areia junto a Almeria, em Espanha, mas a situação resolveu-se sem danos e prosseguiram viagem. Na madrugada de 4 de Junho, porém, o navio embateu em rochas, perto de Vila Chã, e, pelas 6h30, toda a gente abandonou, a salvo, a barca que se perdia, com a sua carga.

O testemunho desses momentos difíceis e dos inquéritos que se seguiram ficou profusamente registado, mas, escondido pelo Atlântico, o *Rollo* ficou esquecido. Agora, quase 145 anos depois desse naufrágio, a história reemerge, a pedir mergulhos que a confirmem. A DGPC não adianta, para já, qualquer resposta à sugestão de Alexandre Monteiro, que, em todo o caso, espera que, entre a tutela e a comunidade local se encontrem condições para resolver este mistério.

## Arqueologia Quantos segredos guarda o mar de Vila do Conde?

Como muitos outros municípios costeiros, a Vila do Conde falta uma carta arqueológica da costa do concelho, que tem como limite, a norte, o Porto de pesca da Póvoa de Varzim e, a sul, a comunidade piscatória de Angeiras, no concelho de Matosinhos. Estes cerca de 12km em linha recta, ou pouco mais de seis milhas náuticas, partilham, com as comunidades que o Atlântico banha uma história intimamente ligada ao mar. Hoje conhecido pela pesca, o município tem uma história de séculos ancorada na construção naval, no comércio marítimo e na marinharia. E, entre barcos e navios que entravam no rio Ave, a que se acrescentam os que ao largo passavam, foram muitos os que se afundaram? Quantos? Ninguém sabe.

Mas aquilo de que ninguém duvida é que parte da história da terra se poderia contar melhor acedendo e conhecendo alguns desses tesouros sepultados na costa, e foi por isso com expectativa que o arqueólogo municipal, Pedro Brochado de Almeida, tomou conhecimento da sugestão de investigação ao sítio conhecido como *Navio do Norte*, em Vila Chã, feita pelo arqueólogo subaquático Alexandre Monteiro à Direcção-Geral do Património Cultural.

Para se realizar uma campanha no local é preciso submeter à tutela um pedido de autorização de trabalhos arqueológicos para este sítio. Esse pedido ainda não foi feito, mas a autarquia está muito interessada em que essa investigação possa acontecer, adianta o responsável pelo gabinete de arqueologia do concelho. Porém, será preciso ajuda de fora. Dos três arqueólogos que trabalham no município nenhum faz arqueologia subaquática – embora um deles tenha experiência de mergulho.

Pedro Brochado de Almeida espera que a concretização do Centro de Artes Náuticas, um projecto de reabilitação do antigo edifício da seca do bacalhau, na foz do Ave, possa dar um impulso à investigação do património escondido pelo rio e pelo mar. A iniciativa, que aguarda financiamento dos fundos dos EEA Grants, vai centrar-se na salvaguarda das técnicas de construção naval em madeira, mas o arqueólogo explica que a partir deste novo espaço transdisciplinar o município pretende organizar escolas de Verão, com arqueólogos experientes, e poderá acolher projectos de investigação similares ao que agora se propõe para o *Navio do Norte*.